

A contribuição do luteranismo para a teologia da missão

1 – Luteranismo e teologia da missão

Poderia o luteranismo contemporâneo, que procede da Reforma Luterana do século 16, contribuir de alguma forma para a renovação e transformação da teologia da missão após 500 anos de idas e vindas, de sucessos e retrocessos bem atestados na história desse caminho de redescoberta do evangelho de Jesus de Nazaré?

Tomando como ponto de partida o fato de que, nos dias atuais, o luteranismo se espalhou pelos seis continentes, tornando-se assim uma das formas que o cristianismo assumiu ao longo de sua trajetória no mundo, a pergunta torna-se relevante para as igrejas que fazem parte dessa comunhão de igrejas que confessam a fé em Jesus como Senhor e Salvador da humanidade e exige uma abordagem abrangente e desafiadora. Novidade, no início do século 21, é o fato de que o luteranismo já não é mais uma fé majoritariamente *ocidental*, mas crescentemente vem assumindo novos contornos culturais, sociais, étnicos, teológicos, e incidências muito concretas na realidade de diferentes povos, principalmente por sua crescente expansão em países da África, mas também na Ásia e América Latina.¹

1.1 - Lutero e a missão

Uma das críticas mais veementes que a teologia da missão do século 19 formulou à teologia luterana foi emitida por Gustav Warneck (1834-1910), para quem a Reforma foi decepcionante sob a perspectiva missionária, enquanto o próprio Lutero teria demonstrado uma consciência missionária praticamente inexistente.² Quer dizer, a dificuldade do luteranismo com a missão e a teologia da missão viria de longe, desde o início da Reforma. Pesquisas ulteriores, entretanto, vieram demonstrar que, se a crítica tem suas razões, principalmente considerando o período da ortodoxia luterana a partir do século 17, existe assim mesmo um rico potencial inexplorado na teologia da Reforma e, particularmente, na

¹ Cf. MEDICK, Hans; SCHMIDT, Peer (Eds.). **Luther zwischen den Kulturen**. Zeitgenossenschaft – Weltwirkung. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. STALSETT, Sturla J (Ed.). **Discovering Jesus in our place**. Contextual Christologies in a Globalised World. Kashemere Gate, Delhi: Cambridge Press, ISPCK, 2003.

² Cf. SCHERER, James A. **Evangelho, igreja e reino**. Estudos comparativos de teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, IEPG/EST, 1991, p. 43.

teologia de Lutero que justifica a busca por uma teologia da missão desde os fundamentos da teologia luterana.

Gustav Leopold Pitt (1836-1880) admitiu certa razão a Warneck, mas demonstrou que Lutero foi fiel à ordem missionária de uma forma mais fundamental. Para Pitt, a questão deve ser vista a partir da compreensão global que Lutero tinha do *evangelho*, pois foi este que caíra no esquecimento dentro da cristandade medieval. Em seu tempo, portanto, a obediência missionária só poderia significar que se pregasse de novo o evangelho.³ Num estudo seminal de 1924 sobre “Lutero e a missão”, Karl Holl (1866-1926) apresentou argumentos muito vívidos para a prática da missão presentes na teologia de Lutero.⁴ A questão, portanto, merece estudo e aprofundamento.

James A. Scherer arrola vários motivos para levar adiante a afirmação de Pitt. Scherer entende que em Lutero a missão é sempre obra do Deus triúno – portanto, *missio Dei* – e seu alvo e resultado é a vinda do reino de Deus. Importante aqui é enfatizar que o conceito *missão*, mesmo não estando presente literalmente nos escritos do reformador, diz respeito à tríade: palavra de Deus (Cristo) – igreja (povo de pessoas batizadas e crentes) – reino de Deus (glória de Deus). Scherer complementa afirmando que “em nenhum lugar o reformador faz da igreja o ponto de partida ou alvo final da missão, como a missiologia do século XIX tendia a fazer. É sempre a *missão do próprio Deus* que domina o pensamento de Lutero, e a vinda do *reino de Deus* representa sua culminação final”.⁵

Basta observar a compreensão que Lutero tem do reino de Deus no seu texto eclesial bem conhecido, o *Catecismo maior*, para comprovar esta tese:

Mas o que significa reino de Deus? Resposta: outra coisa não é senão o que ouvimos acima, no Credo: que Deus enviou ao mundo a Cristo, seu Filho, nosso Senhor, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei de justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e má consciência. Para tanto nos deu também o seu Espírito Santo, que nos convencesse disso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e fortalecesse na fé.

Na continuação dessa explicação, como sói acontecer nos escritos que o reformador dirige às comunidades e ao povo simples e sem grandes leituras, ele afirma a respeito da prece “Venha o teu reino”:

³ Cf. SCHERER, 1991, p. 44.

⁴ HOLL, Karl. Luther in die Missio. **Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte**. Vol. 3: Der Westen. Tübingen: Mohr (Siebeck), 1928, p. 234-243. Cf. SCHERER, 1991, p. 49.

⁵ SCHERER, 1991, p. 44.

Pedimos, por conseguinte, aqui, em primeiro lugar, que isso se torne efetivo entre nós, e que destarte seu nome seja exaltado pela santa palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para que nós, que a aceitamos, nisso permaneçamos e diariamente progridamos, como também a fim de que alcance assentimento e adesões entre outros homens e marche poderosamente pelo mundo universo, a fim de muitos deles, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino da graça e se tornarem partícipes da redenção, para que dessa maneira todos juntos fiquemos eternamente em um só reino, agora principiado. [...]

Tudo isso outra coisa não é que dizer: “Amado Pai, pedimos que nos dê primeiro a tua palavra, para que o evangelho seja pregado retamente em todo o mundo; em segundo lugar, que também seja aceito na fé, e atue e viva em nós, de forma que pela palavra e poder do Espírito Santo o teu reino tenha curso entre nós e seja destruído o reino do diabo, para que não tenha direito nem poder sobre nós, até que, afinal, seja totalmente aniquilado, e o pecado, a morte e o inferno sejam exterminados, a fim de vivermos eternamente em plena justiça e bem-aventurança”.⁶

Mas, ao mesmo tempo em que antevê o caminho do evangelho como proclamação universal da palavra que leva à fé e à bem-aventurança, com seu olhar agudo e realista, Lutero não deixa de alertar: “onde a palavra de Deus é pregada, aceita e crida e produz fruto, aí também não há de faltar a amada e santa cruz”.⁷ É precisamente este realismo que previne qualquer pretensão triunfalista tão ao gosto de certas correntes na igreja cristã ao longo da história, sobretudo após a era constantiniana e até os dias atuais.

Há ainda outras ênfases muito importantes no pensamento de Lutero que fundamentam sua compreensão de uma possível teologia da missão: - missão é sempre a ação do *próprio Deus*, enquanto a *vinda do reino* seria a culminação de sua obra; - ainda que a pregação do evangelho seja um movimento universal, é preciso ter clara consciência de que a humanidade como um todo não adotará a fé em Cristo. O diabo vai impedir isto de todas as formas ao seu alcance; - a expectativa de Lutero, portanto, não conta com a conversão do mundo inteiro, mas mesmo assim o evangelho deve ser pregado para que ao menos alguns se salvem; - haverá retrocessos em relação à fé, pois as pessoas se desviam da fé, esquecem de ensiná-la aos filhos e filhas, deixam de agradecer pelo evangelho por meio de uma fé viva e de boas e sinceras obras em favor do próximo. Por isto Deus pode retirar o evangelho delas e o entregar a outras. Nenhum povo pode arrogar-se o direito de possuir o evangelho. Por isto, a evangelização é um processo contínuo que jamais acaba até o dia do

⁶ LUTERO, Martinho. **Catecismo maior**. In: LIVRO DE CONCÓRDIA. 4. ed., 1993, p. 463-464.

⁷ LUTERO, 1993, 466.

juízo; - sua compreensão do batismo é a plataforma básica para o testemunho de cada pessoa cristã:

Faz parte do trabalho de um sacerdote o fato de ele ser mensageiro de Deus e ter uma ordem para proclamar sua palavra. O feito maravilhoso, isto é, o milagre que Deus realizou ao trazer vocês das trevas para a luz, deve ser pregado, e este é o supremo ofício sacerdotal. E a pregação de vocês deve ser feita de tal modo que uma pessoa proclame a outro o poderoso feito de Deus [...]. Pois tudo deve ser feito com a finalidade de que vocês reconheçam o que Deus fez por vocês, deixando que isso se lhes torne a coisa mais urgente, de maneira que o proclamem publicamente e chamem todo o mundo à luz a que vocês foram chamados.⁸

Enfim, em Lutero há uma clara consciência de que o evangelho deve ser anunciado a todas as pessoas, pois ninguém tem o direito de guardar para si o tesouro que Deus oferece para a salvação e a libertação do diabo, da morte e do juízo. E é na sua compreensão *dinâmica* da palavra de Deus que encontramos toda a força desse impulso evangelizador. Ele escreveu certa vez: “a palavra de Deus não existe sem o povo Deus nem o povo de Deus sem a palavra de Deus”. Esta palavra poderosa encontra na igreja seu instrumento privilegiado. Ela é precisamente isto: instrumento numa caminhada missionária que do início ao fim é e será causa do próprio Deus.⁹

Um último aspecto vale destacar. A teologia da missão de Lutero – se assim se pode dizer – , por outro lado, não pode ser entendida à parte de sua teologia da cruz. Missão e cruz se unem no serviço ao povo de Deus. E este serviço ou diaconia não existe sem assumir a cruz do evangelho. Trata-se de uma teologia da diaconia missionária que rejeita qualquer tipo de triunfalismo cristão ou de intentos de propaganda religiosa. Tais procedimentos ou atitudes evangelizadoras seriam negação da graça e da liberdade cristãs. A justificação somente pela fé, somente pela graça e somente por meio de Cristo está centrada no significado permanente da cruz de Cristo para a igreja e a pessoa de fé. A *palavra da cruz* será fonte que alimenta a teologia e corrige os desvios de uma fé que, por vezes, mais parece talismã, a segura certeza de uma vida bem-aventurada, enquanto o mundo se perde na ignorância e na descrença. Uma teologia da missão solidária com o mundo pecador supõe o amor apaixonado e a diaconia libertadora.

1.2 – Missão na ortodoxia luterana e a renovação pietista

⁸ Cf. SCHERER, 1991, p. 47. Para os itens destacados nesse parágrafo, cf. p. 48-50.

⁹ SCHERER, 1991, p. 48.

O período subsequente ao movimento da Reforma foi bem difícil. Tratava-se de consolidar a “nova” fé tanto doutrinária quanto eclesialmente. Confirmada a separação da igreja católica romana, a estruturação e a consolidação da nova igreja exigiu muita dedicação, energia e esforços da geração pós-reformadores. Lutero ainda em vida participou vivamente desse processo, como atestam muitos de seus escritos dirigidos a aspectos centrais da vida da igreja, como, por exemplo: a compreensão dos sacramentos, a vida de culto, a teologia da cruz, o ensino da palavra de Deus, a organização comunitária, o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, a dignidade e a tarefa do ministério da igreja e a responsabilidade pública da igreja e de seus ministros, a teologia como chave de interpretação.¹⁰

Mas o novo período foi responsável por uma guinada que ergueu enormes barreiras dogmáticas ao trabalho missionário das igrejas evangélicas. A partir do século 17, a ortodoxia luterana procurou fixar a herança recebida em fórmulas dogmáticas claras, as quais, de certa forma, indicam um período necessário à defesa da fé evangélica diante de seus críticos e perseguidores. Esta defesa da *doutrina correta* e da *igreja verdadeira* conservou de Lutero a ênfase *teocêntrica*, mas afirmou também que a missão *não* é tarefa de agentes humanos, exceto no caso em que os príncipes evangélicos se tornam responsáveis pela evangelização de súditos não cristãos em outras terras. Trata-se de uma compreensão muito próxima ao *padroado* português no Brasil e à *encomienda* espanhola, na América hispânica, que vigoraram por mais de 300 anos. Um exemplo desse “não” à missão e à evangelização em outras partes do mundo se deu em 1651 quando um nobre leigo luterano, Justinian Weltz, fez à Faculdade de Teologia de Wittenberg uma consulta sobre este assunto. A resposta expressa exemplarmente a mentalidade da época. Destaco aqui três pontos:

¹⁰ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Vol 7: Vida em comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismo – Hinos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. Para uma visão geral dessas contribuições a partir de uma perspectiva latino-americana, cf. DREHER, Martim N. (Org.). **Reflexões sobre Lutero**. Vol II. São Leopoldo: Sinodal, 1984; DREHER, Martim N. (Org.). **Reflexões sobre Lutero**. Vol III. São Leopoldo: Sinodal, 1988; KIRST, Nelson (Ed.). Releitura da Teologia de Lutero em contextos do Terceiro Mundo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, Ano 30, número especial, 1990; ALTMANN, Walter. **Lutero e a libertação**. São Paulo: Ática, Sinodal, 1994; JUNGHANS, Helmar. **Temas da teologia de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 2000; SEIBERT, Erní W. Eclesiologia luterana e missões. In: SEIBERT, Erní W. (Coord.). **A missão de Deus diante de um novo milênio**. Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 9-21; MARQUARDT, Rony Ricardo. **A contextualização na ação missionária da igreja cristã**. Canoas: Ulbra, 2005, p. 33-43.

1. O apostolado foi privilégio dos apóstolos e este não foi transmitido a seus sucessores. Seria um absurdo sustentar a validade atual da Grande Comissão, pois isto implicaria em que todos os ministros de Cristo deveriam dirigir-se aos pagãos.
2. Ninguém pode, por sua vez, desculpar-se diante de Deus alegando ignorância, porque se supõe que as pessoas ou seus ancestrais que não crêem em Cristo rejeitaram o evangelho. Deus não tem obrigação de lhes dar uma segunda chance.
3. Os governantes é que têm o direito e o dever de propagar o evangelho em seus próprios territórios.¹¹

J. Weltz (1621-1668) teve a coragem de contestar esta discutível teologia de Wittenberg. Para ele, o mandato de Mateus 28 tinha validade irrestrita. Ele defendeu que a igreja cristã tinha responsabilidades para com os pagãos que desconheciam o evangelho, argumentando que a compaixão cristã obrigava a reevangelizar os não-crentes, mesmo que seus ancestrais tivessem outrora sido evangelizados. Weltz responsabilizou os cristãos diante de Deus pelo destino último dos pagãos e convocou seus companheiros a enviar evangelistas-estudantes voluntários para pregar o evangelho aos pagãos. A Dieta Imperial de 1664 considerou-o fanático e satânico. A ortodoxia fechou qualquer possibilidade de rever sua posição.¹² Somente na segunda metade do século 17 é que um sopro de renovação se apresentou no luteranismo. Nasceu nessa época um movimento que propôs uma nova leitura da **bíblia**, uma nova forma de comunhão cristã, dela tirando conseqüências para a vida de fé sob inspiração do Espírito Santo, trazendo à tona a centralidade da missão na prática da fé evangélica. O movimento pietista iniciado por Philip Jakob Spener (1635-1705) preparou o terreno para o novo impulso missionário. A formação de grupos de estudo bíblico (*collegia pietatis*), o maior acesso à **bíblia**, o estímulo à prática de uma piedade pessoal e comunitária forte contribuíram para esse novo momento.

Mas foi na Universidade de Halle, com a forte liderança do Dr. August Hermann Francke (1663-1727), que estes impulsos pietistas se transformaram em ação missionária concreta. É nesse ambiente que surge o trabalho missionário evangélico no estrangeiro, como no sul da Índia com Bartolomeu Ziegenbalg (1682-1719), em Tranquebar (1706), ou o ministério na diáspora, com Henry Melchior Muhlenberg (1711-1787) na Pensilvânia (1742).¹³ Cabe

¹¹ Cf. SCHERER, 1991, p. 54.

¹² Cf. SCHERER, 1991, p. 54.

¹³ Cf. SCHERER, 1991, p. 55.

mencionar ainda a missão da comunidade dos irmãos livres de Herrnhut (1722), inspirada pelo trabalho inovador do conde Nicolau von Zinzendorf, que acolheu em suas terras refugiados morávios e com eles formou uma nova comunidade baseada nos ideais pietistas. Estas pessoas vinham de uma longa tradição de perseguição e sofrimento, desde o século 14 com o martírio de João Huss. A comunidade era formada por pessoas de distintas origens de fé: católicos, luteranos, reformados, separatistas e outros. O fato de conseguirem viver em comunidade foi entendido como verdadeiro milagre, atestado por uma experiência espiritual muito forte, acontecida em agosto de 1727, quando segundo Zinzendorf, o Espírito Santo desceu sobre a congregação, o que motivou uma profunda renovação espiritual naquelas pessoas. Foi esta comunidade que enviou seus primeiros missionários justamente para a América, para as Ilhas de São Tomé no Caribe (1732), onde estes foram viver praticamente como escravos em meio aos escravos negros que trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar de latifundiários dinamarqueses. Mais tarde, Herrnhut continuou a enviar missionários leigos para várias partes do mundo, como para o meio dos indígenas da América do Norte e do Sul, a Groenlândia, a Lapônia, a Tartária, a Argélia, a África Oriental, o Cabo da Boa Esperança e o Ceilão. É preciso dizer que estas pessoas partiam sem qualquer segurança e sem grande preparo teórico, arriscando suas vidas na empreitada missionária. Elas iam baseadas apenas na fé e na força do Espírito Santo. Um aspecto importante da teologia da missão defendida por Zinzendorf poderia ser resumido na seguinte citação:

Quando nós falamos a um “selvagem” acerca do Salvador, já o Espírito tem certamente estado com ele dez anos antes [...]. Nós apenas confirmamos aquilo que ele já tinha faz tempo, com a ressalva de que não o podia ler ou expressar. Nós apenas o enfatizamos, colocamos o selo da confirmação.¹⁴

A importância do movimento pietista para a missão cristã procedente da Europa nos séculos 18 e 19 é inegável. A influência do pietismo na missão, de certa forma, ainda hoje se faz sentir em muitas partes do mundo onde a missão cristã está presente, sobretudo nas áreas de atuação de agências missionárias independentes. Ainda assim, é preciso olhar em

¹⁴ Cf. STEUERNAGEL, Valdir. **Obediência missionária e prática histórica**, p. 108s. Sobre a força missionária do movimento dos moravianos, p. 92-118. Também sobre o movimento pietista, cf. DREHER, Martin N. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 120-127. Para Dreher, a maior contribuição do pietismo foi haver substituído a dogmática confessional pela prática cristã. Um dos problemas suscitados, porém, por este movimento foi a ênfase exagerada na interiorização da fé e a tendência ao individualismo, saudado muito positivamente pelo Iluminismo, que lhe sucedeu.

retrospectiva para as limitações apresentadas justamente na prática pietista. Scherer chama atenção para alguns desses “pontos fortes e fracos”. Positivamente, o pietismo renovador abraçou a missão como autorização para sair e testemunhar, sem as travas eclesiásticas das igrejas territoriais. Criticamente, no entanto, percebe-se que o pietismo providenciou uma idéia que no futuro se consolidou de forma evidente: de que não basta a iniciativa divina, mas de que é preciso organizar e planejar a missão com um pensamento estratégico de longo alcance. Além disso, colocou uma ênfase mais explícita na ação do Espírito Santo, o que, em relação à justificação pela fé, conduziu gradualmente a um tipo de elitismo espiritual, favorecendo a separação entre missionários e comunidade local. Desta forma, os pietistas contribuíram para a posterior separação entre igreja e missão, de tal maneira que a missão passou a ser tarefa assumida primordialmente por sociedades e agências voluntárias de missão, algo que marcou a trajetória missionária protestante durante todo o século 19. Acrescente-se ainda o fomento a uma atitude de superioridade cultural sobre os povos não ocidentais e suas culturas.¹⁵ Estas e outras formas de reducionismo não ficaram sem resposta. A luta pela autonomia dos países colonizados, que se iniciou no século 19 e se fortaleceu na primeira metade do século 20, teve sua repercussão na rejeição da missão a serviço do *colonialismo*, ainda que muitas das jovens igrejas soubessem reter o evangelho recebido, reinterpretando-o, porém, segundo sua experiência de contextualização da nova fé.¹⁶

No século 19, temos ainda uma nova virada no sentido de que o pietismo renovador do final do século 18 foi gradativamente transformado num movimento confessional, cujo objetivo passou a ser a implantação de igrejas confessionais luteranas em outros continentes. O surgimento de sociedades missionárias luteranas na Europa e nos EUA tinha por objetivo a propagação dos ensinamentos confessionais luteranos em plenitude, tomando como base as Escrituras e os escritos confessionais. Buscou-se implantar igrejas com clara identidade luterana na Ásia, África e Américas do Norte e do Sul. Esta nova tendência

¹⁵ Cf. SCHERER, 1991, p. 56s.

¹⁶ Cf. BOESAK, Allan. Emergindo das selvas (África do sul). In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia (Orgs.). **O evangelho emergente**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 105-126; BUTHELEZI, Manas. Por uma teologia indígena na África do Sul. In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia (Orgs.), 1982, p. 83-104. MASANJA, Patrick. Neocolonialismo e revolução na África. In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia (Orgs.), 1982, p. 31-44. Nesse mesmo livro há outras perspectivas de teólogos da Índia, Filipinas, Hong Kong, América Latina e África. Estes textos foram apresentados num Congresso de teólogos procedentes da África, Ásia e América Latina, em Dar-es-Salaam, Tanzânia, em agosto de 1976, nascendo daí a ASETT – Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo.

contrariou a antiga marca de abertura confessional característica do pietismo da primeira época, tornando-o um movimento separatista e concorrente diante de outras igrejas protestantes. Por outro lado, também foi forte o movimento contra os esforços patrocinados pelo Estado, por exemplo, na Prússia, no sentido de forçar a união de igrejas evangélicas, movimento conhecido como *unionismo*. Scherer faz um balanço desse longo período afirmando que:

A atividade missionária luterana do século XIX, ao combinar a evangelização e implantação de igrejas com o separatismo confessional, acarretou conseqüências negativas e positivas para o futuro. Quanto ao aspecto positivo, a missão confessional luterana levou a sério o princípio de Igreja, fundando no exterior igrejas com plena autoridade espiritual, incluindo Palavra, sacramentos, ministério nativo e as marcas do “triplo auto” (autogoverno, auto-sustentação e autopropagação). Nos países de envio, a missão luterana defendeu a concepção de que o trabalho missionário era tarefa da Igreja nacional e de suas comunidades locais [...]. Quanto ao aspecto negativo, [...] a concepção teocêntrica de Lutero a respeito da missão [...] foi virtualmente abandonada em favor de uma concepção horizontal que via a atividade missionária como trabalho de sociedades organizadas dotadas de agentes profissionais. Além disso, [...] a missão luterana às vezes se viu tentada a fazer propaganda do luteranismo, ou se desviava da evangelização para tomar partido nos conflitos partidistas dos países que patrocinavam o envio.¹⁷

1.3 – Pontos fortes e fracos da teologia luterana da missão

Hermann Brandt recentemente assinalou num ensaio os pontos fortes e fracos da missão luterana. É interessante que ele expõe essas idéias num texto que tem por finalidade apresentar a missão como *marca (nota ecclesiae)* da igreja.¹⁸ Aqui vou acrescentar alguns itens que partem da experiência luterana na América Latina:

1.3.1 - Pontos fracos

1. A identidade luterana prescinde da missão, como ficou manifesto no documento da Faculdade de Teologia de Wittenberg (1651) e nas justificativas do teólogo Johann Gerhard. Para estes representantes da ortodoxia, missão seria incumbência exclusiva dos senhores territoriais, por exemplo, no caso de algum deles sujeitar países e povos não cristãos numa guerra.
2. Segundo Gustav Warneck, faltaria em Lutero não apenas o incentivo à atividade missionária além fronteiras, mas até mesmo o reconhecimento da obrigação

¹⁷ SCHERER, 1991, p. 59s.

¹⁸ Para o que segue, cf. BRANDT, Hermann. **O encanto da missão**. Ensaios de missiologia contemporânea. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2006., p. 54-62. Para uma avaliação do conceito de missão desse autor, cf. adiante capítulo 2, item 2.2.1.

missionária. Warneck afirma que em Lutero não encontramos nem mesmo o conceito de *missão*.

3. A precedência do reino de Deus em relação à igreja. A igreja é instrumento a serviço do reino de Deus e sua justiça. Esta ênfase seria uma razão para a desmobilização das comunidades luteranas frente ao desafio da missão.
4. A descrença em relação ao sucesso na proclamação do evangelho e o realismo que advém da teologia da cruz.
5. A centralidade da comunidade como lugar *visível* da ação de Deus, por mais fraca e contraditória que seja o seu testemunho.
6. Na América Latina, as igrejas evangélicas luteranas normalmente se circunscreveram como comunidades marcadamente étnicas, geralmente de tradição européia. Em muitos lugares, o uso da língua alemã se estendeu por mais de um século, acarretando um estreitamento da área de influência da mensagem evangélica. Esta realidade cultural, aliada a um certo descompromisso das autoridades públicas, acarretou em muitos lugares a existência de guetos étnicos de tradição luterana avessos a relações com outras etnias.
7. Nota-se ainda a preponderância de comunidades luteranas em ambientes marcadamente rurais e em pequenas cidades, o que inviabilizou historicamente uma forte presença em grandes centros urbanos. A esta razão mais sociológica pode-se acrescentar a forma organizativa da igreja que exigiu crescentemente a presença de um clero com longa formação acadêmica e uma estrutura eclesial com fortes traços de associação religiosa de atendimento e pouca visão para uma inserção mais flexível e aberta nas sociedades locais. Em certos casos, observa-se ainda uma atitude pouco dialógica em relação a outras religiões.¹⁹

1.3.2 – Pontos fortes

1. Brandt argumenta que, mesmo que não encontremos em Lutero o termo “missão” ou atividades especiais de missão, o mesmo não vale para a *questão da missão*. É que na teologia do reformador esta questão tem seu lugar na interpretação da

¹⁹ Cf. BRANDT, Hermann. Identidade luterana: ética, missão, diálogo das religiões. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord.). **Identidade evangélico-luterana e ética**. São Leopoldo: EST, CAPES, 2005, p. 45-67. ZWETSCH, Roberto E. Identidade luterana. Contexto, afirmação e compromisso com a mudança na tensão criativa do evangelho. Observações para o debate da conferência de Hermann Brandt “Identidade luterana: ética, missão e diálogo das religiões”. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord.), 2005, p. 68-78.

Escritura e em sua reforma da igreja. Pode-se, assim, encontrar motivos missionários em muitos dos escritos do reformador, como, por exemplo, em seus textos a respeito da reforma do culto, que, na sua opinião, deveria ser oficiado em quatro línguas: alemão, latim, grego e hebraico. A razão é claramente missionária: “Eu gostaria de formar jovens e pessoas que pudessem ser úteis para Cristo também em países estrangeiros, para lá falar com as pessoas”.²⁰

2. O impulso missionário em Lutero está radicado na dinâmica da própria palavra de Deus. Ela está dirigida a todos os povos. Mas aqui é importante perceber a compreensão que Lutero tem dessa palavra. O evangelho não está depositado na igreja ou em suas lideranças. Ele é movimento vivo (*viva vox evangelii*). Conseqüentemente, o evangelho e o reino de Cristo que ele anuncia é que são os verdadeiros agentes da missão. Sujeito da missão é o próprio Deus em sua palavra viva. Nesse sentido, afirma Brandt, pode-se considerar Lutero um precursor da tese da *missio Dei*, que surgiria apenas no século 20, ao menos de forma explícita.²¹
3. Lutero também deixa claro que o evangelho deve transpor os limites da paróquia, dos idiomas, dos países. O que importa é que o reino de Deus seja aumentado e que todas as pessoas possam ouvir o evangelho, ser confrontadas com ele e possam reagir ao seu anúncio, de tal modo que da fé irrompa uma nova vida de fé e amor ao próximo.²²
4. Mas a proclamação desse evangelho como palavra viva só pode acontecer sem violência, sem o uso de coação, pressão, sedução por ofertas materiais ou manipulação. É o evangelho que converte o seu ouvinte e não aquele ou aquela que prega e anuncia a palavra viva de Deus. Lutero também não aceita a iminência do juízo final como motivo para a conversão. Os ouvintes e destinatários ficam livres em sua resposta. Uma frase de Lutero esclarece este ponto: “Quem crê, creia; quem vier, venha; quem ficar de fora, que fique [...]”.²³

²⁰ Cf. BRANDT, 2006, p. 56.

²¹ Cf. Georg VICEDOM. **A missão como obra de Deus**. Introdução à teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1996, especialmente o Apêndice, p. 99-127.

²² Cf. LUTERO, Martinho. **Pelo evangelho de Cristo**, Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 176.

²³ *Apud* BRANDT, 2006, p. 57.

5. No que se refere a quem anuncia este evangelho, devem ser pessoas serenas e sem pressa. Foi justamente esta serenidade que incomodou nos séculos seguintes os adeptos da missão, como se Lutero estivesse se conformando com a situação minoritária dos cristãos, com a resistência e até a rejeição ao evangelho. É a conhecida acusação da passividade luterana no testemunho e, por via de regra, na missão. Brandt sugere que esta serenidade procede do realismo do reformador que se fundamenta tanto na palavra viva de Deus como autora da missão quanto na sua teologia da cruz.²⁴
6. Para Lutero, a base da missão não é uma elite de militantes individuais, mas a comunidade ou a igreja. Ela é o lugar a partir do qual a missão se realiza. A partir de Lutero, portanto, é injustificável separar igreja e missão. Estas duas realidades só existem juntas, de modo que a reforma da igreja é também a reforma da missão. E onde está a igreja, aí deve brilhar o evangelho que não distingue raça, credo, gênero, idade nem pratica qualquer outra forma de discriminação de pessoas.²⁵

1.3.3 – O trocadilho entre “fraqueza” e “força”

A reflexão de H. Brandt que venho citando conclui com uma espécie de trocadilho, cuja origem se encontra na bem conhecida frase de Paulo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Co 12.10). A aparente fraqueza da teologia luterana da missão pode ser notada nas seguintes características: ênfase na ação de Deus em Cristo (teocentrismo), na força da palavra e seu anúncio, no testemunho da comunidade onde esta palavra é proclamada e vivida em atos de fé e amor, na liberdade cristã como premissa para a vida de fé, na teologia da cruz e na compreensão de que a fé e a comunidade cristãs são geralmente minoritárias num mundo marcado pela descrença e oposição ao evangelho. Estas características aparentemente fracas podem, no entanto, tornar-se justamente sua força. A resistência em aceitar estratégias *fortes* de ação missionária (por exemplo, *conquistar* o Brasil para Cristo), de apelar para a necessidade da conversão a todo custo, de acreditar em

²⁴ Cf. ZWETSCH, Roberto E. Identidade luterana. Contexto, afirmação e compromisso com a mudança na tensão criativa do evangelho, 2005, p. 73s, onde procuro tirar algumas conseqüências das afirmações de Lutero sobre o viver “sob o signo da cruz” feitas no Debate de Heidelberg (1518!) em relação à afirmação da fé evangélica, o dinamismo do evangelho e suas implicações para uma compreensão de missão que nos confronta com Cristo presente no *outro* (alteridade).

²⁵ Cf. LUTERO, Martinho. Dos Concílios e da Igreja. **Obras selecionadas**. Vol. 3: Debates e Controvérsias – I. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992, p. 300-432. Nesse escrito, Lutero expõe com clareza a sua compreensão de igreja fundamentada no evangelho e na sua proclamação no mundo.

grandes organizações ou eventos missionários (evangelização de massa, por exemplo), a precaução contra o personalismo na igreja e na sociedade (por exemplo, as grandes *estrelas* da missão), e outras marcas do luteranismo, atualmente voltam a se tornar importantes para uma reflexão e prática missionárias relevantes, num momento complicado para as igrejas protestantes em toda a América Latina. Ao passo que as igrejas evangélicas conquistam espaços sociais, reconhecimento e uma maior exposição na mídia devido ao seu crescimento e incidência sociológica, ao mesmo tempo são alvo de denúncia de escândalos, sobretudo na área da ética e das finanças.

Vivemos num período histórico em que velhas formas de missão caducam e não mais respondem às novas circunstâncias; o mesmo se dá em relação às formas espetaculares dos novos movimentos missionários de massa. Apesar do vertiginoso e rápido crescimento, estes movimentos não convencem por sua superficialidade e falta de consistência teológica e, por vezes, também ética. Ou seja, não temos respostas simples para os desafios que se apresentam à missão cristã no início do século 21. Disso advém a necessidade de refletir sobre o que temos e para onde caminhamos como igreja cristã de confissão luterana no contexto ecumênico.²⁶

1.4 – Missão na era do ecumenismo

A ênfase eclesiocêntrica típica da teologia da missão desenvolvida no século 19 foi responsável, sem dúvida, por espalhar igrejas cristãs pelos seis continentes.²⁷ Mas, ao mesmo tempo, esta característica agressivamente missionária foi igualmente responsável pelo separatismo, pelo escândalo das divisões entre as igrejas cristãs nos assim chamados

²⁶ Cf. BRANDT, 2006, p. 58-62. Cf. também BRANDT, 2005, p. 55-57. Como debatedor nesse Simpósio, dizia ao Dr. Brandt que assim como o artigo da justificação por vezes não aparece de modo explícito como uma das marcas da igreja, o mesmo se dá também com a realidade da *missão*. O artigo da justificação por graça e fé é o pressuposto ou a chave de leitura para a interpretação da mensagem bíblica, mas é também o pressuposto de uma teologia da missão. Escrevi então: “A gente quase poderia concluir disso que *igreja verdadeira está ali onde esta graça é aceita, vivida e compartilhada com outras pessoas*. Num mundo de tantas religiões e propostas de fé, quem sabe valeria a pena fazermos uma séria tentativa de elaborar uma *teologia da graça* que não seja barata, mas que corresponda ao espírito do testemunho bíblico e, ao mesmo tempo, seja graça libertadora, criadora de uma nova realidade de vida e de fé no meio do nosso povo”. Cf. ZWETSCH, Roberto E. Identidade luterana. Contexto, afirmação e compromisso com a mudança na tensão criativa do evangelho. Observações para o debate da Conferência de Hermann Brandt. In: WACHHOLZ, 2005, p. 70s.

²⁷ Para exemplos de atuações de sociedades missionárias evangélicas da Europa no Brasil, cf. WACHHOLZ, Wilhelm. “Atravessem e ajudem-nos”. A atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899), p. 31-242. Sobre a atuação da Missão da Basileia, cf. FLUCK, Marlon Ronald. **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Início, missão e identidade**. Curitiba: Calebe, 2005.

“campos de missão”. Foi somente no início do século 20 (1ª Conferência Missionária Ecumênica, Edinburgo, 1910), a partir de muitos esforços na busca de um testemunho comum e da superação de divergências doutrinárias e após as duas Grandes Guerras de 1914-1918 e 1939-1945, que se começou a colocar em prática uma nova concepção de missão cristã, em perspectiva ecumênica. O luteranismo foi pioneiro nesse sentido, pois em 1947 criou uma aliança de igrejas nacionais em Lund, Suécia, que recebeu o nome de Federação Luterana Mundial (FLM) com um objetivo missionário audacioso: “testemunhar de forma unida diante do mundo o evangelho de Jesus Cristo como poder de Deus para a salvação”. A nascente federação visava cultivar a unidade da fé e confissão entre luteranos, a promoção de unidade e cooperação no estudo, o incentivo à participação em movimentos ecumênicos e o apoio a comunidades luteranas que necessitavam de ajuda espiritual e material. Esta iniciativa, sem dúvida, colaborou para superar o isolamento de muitas comunidades luteranas e disponibilizou instrumentos comuns e o desenvolvimento de diretrizes e estratégias comuns entre diferentes igrejas e organizações de ajuda.²⁸

A FLM é fruto de um processo que remonta à fundação, em 1868, da *Lutheran World Convention*, resultado da Conferência Geral Evangélica Luterana celebrada em Hannover naquele ano. Um novo encontro em 1923, realizado em Eisenach, também na Alemanha, identifica claramente a necessidade de criar mecanismos de ajuda mútua às missões no estrangeiro, antecipando-se, de certa forma, aos muitos problemas surgidos posteriormente com a Primeira Grande Guerra, mais tarde reafirmados durante a Segunda Grande Guerra. As Guerras foram causa de orfandade para as iniciativas missionárias que tinham suas bases de envio na Europa ou América do Norte e delas dependiam para sustento e pessoal. O caminho dessas missões era unidirecional: do Norte para o Sul, de modo que as guerras afetaram tanto o fluxo das pessoas como dos recursos e a comunicação. Após a 1ª Guerra e principalmente da 2ª Guerra, os conselhos luteranos de missão acordaram dividir responsabilidades com outras iniciativas como o Conselho Missionário Internacional (CoMIn), surgido em 1921. Enquanto este CoMIn assumiu a responsabilidade de ajudar as missões não luteranas, o Conselho Luterano dos EUA e Canadá (1918) assumiu a ajuda às missões luteranas. A formação da FLM em 1947 auxiliou a melhorar esta ajuda mútua que

²⁸ Cf. SCHERER, p. 61. Também LWF. **From Federation to Communion**, p. 145-176.

já havia sido ensaiada, proporcionando as primeiras experiências de uma maior cooperação e relação entre as diversas agências missionárias.²⁹

O espaço de conversação, estudo, ajuda e cooperação criado pela FLM proporcionou o desenvolvimento de um rico debate entre as igrejas luteranas, principalmente a respeito da prática missionária e da teologia da missão que lhe dá suporte. Como fruto desse debate, apresentarei dois importantes documentos surgidos no âmbito do trabalho realizado pela FLM com a cooperação de representantes de igrejas luteranas de todos os continentes. Eles não são os únicos documentos que mereceriam atenção, mas por sua representatividade vale a pena examiná-los mais detalhadamente.³⁰ Eles trazem de forma concisa o resultado dos estudos conjuntos e expressam assim alguns consensos e as questões mais candentes que merecem reflexão e tomada de posicionamento por parte das igrejas, das pessoas de fé na comunidade e de suas lideranças em face da missão contemporânea. Estes documentos surgem após o reconhecimento de que missão não é fruto de uma opção entre outras, mas

²⁹ Cf. LWF, 1988, p. 145-149.

³⁰ Scherer analisa a declaração sobre “Identidade confessional” emitida pela 6ª Assembléia da FLM, realizada em Dar-es-Salaam, Tanzânia, em 1977, na qual houve a condenação explícita do sistema do *apartheid* na África do Sul, como um *status confessionis* para as igrejas luteranas (p. 63). Para Scherer, o reconhecimento mais importante da 6ª Assembléia apareceu na declaração sobre Responsabilidade Sociopolítica das Igrejas Luteranas, onde foi dito: “*A defesa da justiça é parte essencial e integrante da missão da Igreja. Ela pertence de modo inerente à proclamação da Palavra. A justiça sob a lei de Deus é um testemunho da soberania universal da lei de Deus sobre toda a criação*” (p. 64). Cf. SCHERER, 1991, p. 63s. No livro **From Federation to Communion**, os autores mencionam os debates da 5ª Assembléia realizada em Evian, França, em 1970, sob o tema “Enviados ao mundo”, evento que foi transferido à última hora, pois estava programado para acontecer em Porto Alegre, Brasil, e só não o foi devido às denúncias contra o regime militar brasileiro. Nessa Assembléia, ocorreu como que um ponto de inflexão no debate e no envolvimento das igrejas luteranas na missão. Evian afirmou que missão implica cooperação e proclamação. Mas aí foi incluída a preocupação com a justiça como um aspecto que não pode estar ausente da compreensão abrangente de missão no mundo atual. Por sua vez, a voz crítica à missão colonialista se fez ouvir de modo explícito. O bispo Stefano Moshi, da Igreja Evangélica Luterana da Tanzânia, disse: “Missão, enquanto dominação missionária ocidental, é coisa do passado. As igrejas na Ásia e África são igualmente parceiras das igrejas do ocidente. Nós, daqui para frente, queremos o nome de ‘Igrejas Cooperantes’”. “Missão foi entendida como tarefa total da igreja no mundo. Evangelização está no seu centro e ela inclui como elementos integrantes o serviço diaconal, o testemunho profético de justiça e o compartilhar de recursos espirituais e materiais”, como afirmou um relatório posterior ao evento. Nessa linha de compreensão, a nova Comissão de Cooperação entre as igrejas foi designada como um fórum e um instrumento de cooperação para os representantes das igrejas luteranas dos seis continentes, sem a participação de representantes de sociedades missionárias. Isto se refletiu também no acréscimo de duas palavras no nome da Comissão: Comissão de Cooperação entre as igrejas na missão mundial. Desde essa época os membros da comunhão luterana, sejam igrejas ricas ou pobres, são entendidos como doadores e recebedores. A missão não será mais uma via de mão única. Cf. SCHJORRING, Jens Holger et alii. **From Federation to Communion**. The History of the Lutheran World Federation. Coordinator: Viggo Mortensen. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1997, p. 154-159. No que se refere às igrejas luteranas da América Latina, cf. WEIGANDT, Ernesto W. (Ed.). **El llamado de Cristo y nuestra respuesta**. Informe del Quinto Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: El Escudo, 1972. ORLOV, Lisandro (Comp.). **Nuestra fe y nuestra misión**. Sexto Congreso Luterano Latinoamericano (1980). São Leopoldo: Sinodal, 1981.

faz parte da própria autocompreensão da igreja cristã. Eu os entendo representativos no sentido de que passaram por um amplo e longo processo de discussão promovido pelo organismo federativo do luteranismo mundial, além de reunir um conjunto de questões que dizem respeito à prática da missão em diferentes contextos. Além disso, como documentos internacionais de ampla repercussão, eles colocam desafios missionários ainda pertinentes para as distintas igrejas luteranas em várias partes do mundo.

1.4.1 – Juntos na missão de Deus. Uma contribuição da FLM para o entendimento da missão. Documento adotado pelo comitê Executivo da FLM em junho de 1988, em Addis Abeba, Etiópia³¹

Este documento teve como antecedentes uma Consulta inter-regional sobre Missão e Evangelização, realizada em Stavanger, Noruega, em 1982. Nessa Consulta foi expressa a necessidade de as igrejas luteranas articularem um posicionamento teológico luterano contemporâneo sobre a questão de missão e evangelização. Na 7ª Assembléia da FLM, realizada em Budapeste, Hungria, em 1984, ficou decidido que a FLM prepararia um documento a respeito, que ajudasse as igrejas luteranas a aprofundar a sua participação na missão de Deus no mundo. Um grupo internacional composto por homens e mulheres de todos os seis continentes preparou diferentes rascunhos e finalmente, em novembro de 1988, o Comitê Executivo da FLM lançou o documento acima, que ficou conhecido pelo título “**Juntos na missão de Deus. Uma contribuição da FLM para o entendimento da missão**”.

No que segue, farei uma apresentação do conteúdo do documento e uma breve síntese daqueles pontos que me parecem as principais aquisições para o debate da teologia da missão até aquele momento.

A estrutura do documento é bem clara e coerente. Após um breve prefácio em que são apresentados os três objetivos da declaração, como resposta ao mandato da 7ª Assembléia da FLM, em Budapeste (1984), nomeiam-se as pessoas que coordenaram este trabalho: Henrik Smedjebacka como coordenador e Risto Lehtonen, como secretário. O grupo baseou seu trabalho em dois princípios da teologia luterana: a) o entendimento teológico da

³¹ Estarei utilizando aqui a tradução brasileira do documento: **Juntos na missão de Deus. Uma contribuição da Federação Luterana Mundial para o entendimento da missão. Documento adotado pelo Comitê executivo da FLM em junho de 1988, em Addis Abeba, Etiópia.** São Leopoldo: Sinodal, 1990. Durante a exposição, quando necessário, farei menção da página correspondente entre parêntese para facilitar a leitura sem necessidade de voltar ao rodapé do texto.

missão a partir de uma perspectiva trinitária; b) a palavra “missão” foi utilizada de modo restrito. Ela designa aqui a obra salvífica de Deus e a participação da igreja nessa obra. Com esta decisão, o grupo estava impedindo um uso genérico da palavra “missão”.

O documento apresenta cinco capítulos:

- 1 – Afirmações sobre missão a partir de uma perspectiva luterana;
- 2 – O contexto cambiante da missão;
- 3 – As frentes e os desafios missionários contemporâneos;
- 4 – Renovação da igreja em missão;
- 5 – A urgência da tarefa comum

Ao final, foram anexadas “Diretrizes para uma ação missionária conjunta”, adotadas pela 7ª Assembléia da FLM realizada em Budapeste, em 1984.

1.4.1.1 – Comentários ao documento de 1988

Como os redatores anotaram no prefácio, a perspectiva trinitária da missão perpassa o documento na íntegra e de forma coerente. É isto que permite adotar uma abertura ecumênica para a ação missionária conjunta com outras igrejas cristãs e, em certos casos, até mesmo com organizações da sociedade, sobretudo no que se refere às causas sociais de combate às injustiças e suas conseqüências para a vida das pessoas. Missão é entendida como participação na obra do Deus Triúno. A missão de Deus é maior do que a missão da igreja. O papel da igreja é proclamar o evangelho de Cristo, convidar para a vida em comunidade, administrar os sacramentos, sabendo, contudo, que o alvo não é a glória da igreja, mas o reino de Deus. A análise do contexto é bastante geral, mas é complementada pela identificação de inúmeras *frentes* que representam desafios contemporâneos à missão da igreja. Há uma certa tensão no texto entre a motivação pessoal para a missão, que vem da fé e do compromisso no discipulado de Cristo, e o compromisso comunitário que diz respeito à natureza missionária da igreja cristã. Entre os desafios mencionados, destacam-se os religiosos que advêm da ascensão das grandes religiões e dos novos movimentos religiosos no mundo inteiro. Quanto aos desafios sociológicos, destaca-se a luta por justiça e paz. Aqui o texto faz eco ao que já fora afirmado na 6ª Assembléia da FLM em Dar-es-Salaam, Tanzânia, em 1977. Destacam-se ainda os fenômenos sociológicos maiores da secularização, da urbanização, da migração e o aumento vertiginoso dos pobres, especialmente nos países do Terceiro Mundo. No item sobre os pobres, há uma afirmação

que surpreende, considerando o tom sóbrio de todo o documento: **“A fidelidade da igreja é posta à prova por sua disposição de estar presente entre os pobres**, tanto em seu contexto imediato quanto entre os pobres de outros países e regiões” (p. 21, grifo de RZ). Esta afirmação é complementada em seguida por outra que segue na mesma linha de interpretação: “Como participa da missão de Deus, **a igreja precisa reconhecer os pobres em seu meio como portadores da mensagem do amor de Deus em Cristo** e como parte de todo o compromisso missionário da igreja” (p. 22, grifo de RZ). Quando o luteranismo, como uma comunhão fraterna de igrejas, havia dito isto antes, ao menos desta forma?³² No documento, a missão é compreendida como tema central da reflexão teológica, da vida da igreja e tarefa prioritária de cada comunidade. A missão se realiza pela unidade entre proclamação da palavra e ação diaconal ou profética. O serviço cristão é essencial ao ser missionário da igreja. Há um claro posicionamento contra atitudes de superioridade ou inferioridade na missão e no relacionamento entre as igrejas, todas elas entendidas como participantes da imensa obra contínua de Deus no mundo, sem particularismos ou privilégios.

A meu ver, um dos pontos altos documento, além da referência especial aos pobres, é a compreensão de que a missão acontece neste mundo *sob o signo da cruz*. Por seu caráter abrangente, o documento não aprofunda suficientemente este ponto, mas o expressa com convicção:

“A igreja é chamada para a missão sob o signo da cruz. Isto significa abertura aos que não têm poder, aos fracos, aos mal-sucedidos, aos pobres. Significa estar pronto para identificar-se com eles, compartilhar seus fardos e, junto com eles, ir em busca do poder que não é deste mundo e que se tornou manifesto no sofrimento em favor dos outros. Os cristãos, quando aceitam o caminho da cruz e permitem que sua fraqueza seja transformada em sinal do poder de Deus, são fortalecidos pela fé e pela alegria que vêm de Deus” (p. 27, grifo de R.Z.).

³² É interessante notar que, duas décadas antes disso, lideranças do luteranismo do Terceiro Mundo já haviam se posicionado em relação ao desafio que advém do mundo dos pobres e das injustiças que os mantêm nessa situação. Cf. SCHLIEPER, Ernesto T. **Testemunho evangélico na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 1974. Há muitos outros exemplos, basta pensar nas pequenas igrejas luteranas da América Central, como a Igreja Luterana de El Salvador, ou algumas das igrejas luteranas da África. Cf. BUTHELEZI, Manas. Por uma teologia indígena na África do Sul. In: TORRES, Sérgio; FABELLA, Virgínia (Orgs.), 1982, p. 83-104, com bibliografia sobre o início da teologia negra africana autóctone. Cf. ainda o livro de BRYANT, M. Darrol. **O mundo despedaçado pela fome**. Genebra: CMI, 1970, preparado para a 5ª Assembléia da FLM que seria realizada em Porto Alegre, em 1970, e direcionado especialmente aos jovens. O tema dessa Assembléia foi eminentemente missiológico: “Enviados ao mundo”.

Nesta referência já estão insinuados alguns temas que virão à tona em anos seguintes, tornando-se preponderantes no documento de 2004, como, por exemplo, a idéia de missão como transformação e do poder como força de Deus que transforma a nossa fraqueza em força de fé para a alegria.

Finalmente, no âmbito da teologia luterana de missão não cabe o triunfalismo, que faz a igreja ficar cativa do poder e sucesso em relação à sua atuação no mundo. As idéias da cooperação e do compartilhar de recursos, bem como a abertura para outras igrejas, no sentido de somar esforços em áreas específicas, demonstram uma compreensão ecumênica de missão que representou um grande desafio tanto para as igrejas luteranas quanto para outras parceiras do mundo ecumênico. Estas duas realidades teológicas – missão e ecumenismo – nem sempre se relacionaram de modo pacífico.

1.4.2 – *Missão em contexto. Transformação – Reconciliação – Empoderamento.*

Uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da missão.

Genebra, 2004³³

Como aconteceu com o documento de 1988, também este é resultado de um processo de estudos e discussões que receberam um primeiro e forte impulso na Consulta sobre Igrejas em missão, realizada em outubro de 1998, em Nairóbi, Quênia. A consulta se reportava a encontros anteriores que lhe forneceram subsídios, como a reunião do Conselho da FLM na Noruega, em 1993, a Consulta com Agências de Missão, em Genebra, em 1994, e a 9ª Assembléia da FLM em Hong Kong, em 1997, sob o tema: “Em Cristo – chamados a dar testemunho”. Nessa Assembléia, foi dada especial ênfase ao tema da missão e evangelização. A Assembléia votou por “afirmar missão e evangelização como central para a tarefa da Federação e das igrejas-membros, e assegurar que os principais departamentos coordenem seus trabalhos de acordo com esta ênfase”. O relatório de 1998 ainda desafiou as igrejas a coordenarem **os esforços** missiológicos e missionários para aprofundar o

³³ Estarei aqui utilizando a tradução brasileira do documento: **Missão no contexto. Transformação – Reconciliação – Empoderamento.** Uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da missão. Documento editado sob a responsabilidade do Departamento de Missão e Desenvolvimento da FLM. Curitiba: Encontro, 2006. Durante a exposição, quando necessário, farei menção da página correspondente entre parêntese para facilitar a leitura sem necessidade de voltar ao rodapé do texto.

entendimento do evangelho, e explorar novos caminhos para compartilhar o amor de Deus com o povo que ainda não conhece Cristo como Senhor e Salvador.³⁴

Como resultado da Consulta decidiu-se sugerir ao Conselho da FLM que re-escrevesse o documento de missão, tanto para aprofundar o entendimento da missão, como para expandir a visão daquele documento. A Consulta de Nairóbi identificou descobertas realizadas e fez uma série de recomendações. Reafirmou a missão com a perspectiva trinitária anterior, mas acentuou o aspecto holístico da missão. Três áreas se destacam para a concretização da ação missionária: a proclamação do evangelho, palavra viva de Deus; a defesa da justiça e da vida; e o serviço ou diaconia profética. Reconheceu ainda a necessidade de estreitar a unidade entre as igrejas luteranas e os parceiros ecumênicos na missão. Sugeriu que os estudos missiológicos devem incluir e explorar conceitos como *missio dei* (missão de Deus), transformação e diaconia. Além disso, apontou a urgência de considerar as diferentes concepções, percepções e práticas de missão na comunhão luterana e entre as igrejas do mundo. Diante das grandes transformações por que passa o mundo atual, há modelos novos emergindo das práticas missionárias que obrigam as igrejas a repensar a tarefa missionária. Em Nairóbi, portanto, já estiveram presentes alguns dos conceitos-chave do documento de 2004: transformação, missão no contexto, *missio Dei*, missão como serviço (diaconia), missão holística (diaconia inclui desenvolvimento), a tensão criativa entre proclamação (testemunho evangelístico ou evangelização) e serviço (diaconia), globalização, que traz para o centro da análise as questões da justiça e da reconciliação. Uma nova palavra que posteriormente adquiriria importância ainda não apareceu: empoderamento, bem como a ênfase na igreja *missional*, a igreja toda ela entendida como existindo em e para a missão. Outra questão urgente também ficou na sombra: a crise ecológica que se espalha por todo o planeta. De qualquer forma, a pauta estava dada.

Este novo documento foi redigido sob a supervisão do novo Departamento de Missão e Desenvolvimento, criado a partir da Assembléia da FLM em Curitiba, em 1990, departamento que substituiu a Comissão e o Departamento de Cooperação entre as igrejas, o que reflete um debate muito sensível dentro da FLM sobre as orientações teológicas

³⁴ **LWF Consultation on Churches in Mission - Report. Nairobi, Kenya. October 1998.** Geneva; LWF, 1998, p. 5.

desses organismos, especialmente quando se trata de definir o conceito e a prática da missão. O Dr. Péri Rasolondraibe, da Igreja Luterana de Madagascar, responsável pelo Departamento de Missão e Desenvolvimento foi seu coordenador junto com uma equipe *ad hoc* formada por representantes de igrejas luteranas das sete regiões que compõem a FLM, grupo que começou a se reunir a partir de 2000. Em 2001, esta equipe recolheu subsídios num Encontro sobre Missão, realizado em Berlim,³⁵ e que reuniu teólogas, teólogos, agências missionárias e parceiros ecumênicos em busca de novos rumos para o entendimento e a prática da missão no século 21. Seguiu-se a redação de diversos rascunhos do novo documento, finalmente aprovado pelo Conselho da FLM em setembro de 2004. Posteriormente, ele foi enviado às igrejas-membros para estudo e estímulo à renovação da participação das igrejas na missão de Deus no mundo. Como escreveu o Dr. Ishmael Noko, Secretário Geral da FLM, no prefácio, partindo da experiência das igrejas, de praticantes da missão, estudantes, pessoas leigas e representantes das igrejas da comunhão luterana, o documento “convida cada leitor/a e cada congregação a contextualizar este discurso a partir de sua própria perspectiva” (p. 6). Após a apresentação do conteúdo do documento, farei uma síntese das principais questões e desafios que ele traz para a teologia e a prática da missão no âmbito das igrejas luteranas.

O documento tem uma estrutura objetiva que já denota uma nova metodologia de reflexão teológica. Após o prefácio e os agradecimentos, seguem:

Introdução

Seção 1 – Contextos da missão

Seção 2 – Teologia da missão

Seção 3 – Prática da missão

Conclusão

Missão em contexto parte do documento de 1988, **Juntos na missão de Deus**, e sua compreensão holística de missão, na qual é central o papel da comunidade como a testemunha que realiza a missão de Deus em diferentes esferas da realidade: religiosa, ideológica, sociológica, política, econômica, geográfica e demográfica. Esta compreensão holística de missão é o fio condutor de todo o documento. Ela foi reafirmada nas

³⁵ Participei deste evento com uma contribuição a partir da perspectiva latino-americana: cf. ZWETSCH, Roberto E. O futuro da missão cristã. Uma perspectiva latino-americana. **Theophilos**, Canoas, v. 2, n. 1, p. 49-83, janeiro-junho 2002.

Assembléias da FLM em Curitiba (1990), Hong Kong (1997) e Winnipeg (2003). A partir da visão do Deus triúno, a missão implica três dimensões inter-relacionadas: diaconia, proclamação e diálogo. Relembra a Consulta de Nairóbi (1998), onde se enfatizou que a missão inclui proclamação, serviço e defesa da justiça. Nairóbi, no entanto, trouxe ao centro do debate a demanda por *transformação*, palavra-chave neste documento. Missão como transformação aprofunda a dimensão *empoderadora* do serviço como diaconia. O documento entende missão como apontar e participar da realidade escatológica da *irrupção do reinado de Deus* na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, antecipando seu cumprimento final como base para a transformação, a reconciliação e o empoderamento. A missão da igreja é participar da e antecipar a irrupção do reinado de Deus (sinais) e isto é a base para transformar, reconciliar e empoderar o povo missionário de Deus hoje. A grande novidade, porém, reside na abordagem hermenêutica diferente da missão. O documento abre sua leitura dos contextos com um modelo bíblico para a missão: o encontro de dois discípulos no caminho de Emaús com o Jesus Ressurreto e o que acontece a partir do diálogo com o mestre (Lucas 24.13-49). Este texto propõe e ilumina uma *abordagem hermenêutica em forma de espiral* da missão, que reflete a interação entre os contextos, a teologia e a prática. A narrativa é ainda considerada o melhor modelo para veicular, atualmente, a compreensão de missão como *acompanhamento*. Seguindo, portanto, o modelo *hermenêutico* do caminho de Emaús, a primeira seção define e analisa os contextos da missão. A segunda seção discute a teologia da missão, enquanto a terceira focaliza a prática da missão. A missão entendida como transformação, reconciliação e empoderamento, seguindo a espiral hermenêutica, baseia-se na concepção dinâmica de que a missão é contextual. Isto significa: a igreja parte do contexto e interage com uma reflexão teológica intencionalmente encarnacional. Esta teologia contextual promove práticas de missão que interagem e transformam o contexto enquanto se alimenta delas. Ainda conforme o exemplo do caminho de Emaús, a igreja executa sua missão como acompanhamento às pessoas na complexidade de seus contextos.

1.4.2.1 – Comentários ao documento de 2004

Ainda que seja bem articulado com o de 1988, este documento chama a atenção por sua concepção diferenciada e simples. Ele começa com uma introdução que apresenta a novidade de um modelo bíblico para a missão, no qual se pode encontrar uma metodologia

para a prática da missão e para a reflexão teológica. Entre tantos textos possíveis, escolheu-se Lucas 24.13-49 e nele se destaca a presença de uma *espiral hermenêutica*. Pode-se perceber nessa escolha a influência do método de leitura bíblica que se pratica na América Latina. É digno de nota que num documento internacional das igrejas luteranas se adote uma metodologia tipicamente contextual. O ponto de partida é o contexto a partir do qual se fala das experiências auscultando a vida em toda sua complexidade. Num segundo passo, olha-se para as Escrituras e nelas se buscam motivações e impulsos que podem transformar situações aparentemente sem saída. É o momento da teologia da missão. A Palavra de Deus, ao mesmo tempo que liberta pessoas e as reconcilia com Deus por meio de Cristo, empodera-as a partir da ação do Espírito que guia a igreja para andar no caminho de Emaús, no caminho de Cristo, nos caminhos do mundo. A igreja em missão é igreja peregrina e profética. Ela não se conforma com situações de morte, de opressão e injustiça. A missão constitui a igreja enquanto comunidade que aponta e participa da irrupção do reinado de Deus em Cristo. A igreja em missão analisa seu contexto, identifica desafios, assume compromissos e se coloca no caminho da transformação, da reconciliação e do empoderamento. É o momento da prática da missão, da diaconia profética, do serviço que reconcilia, liberta e empodera os sem poder, por meio do Espírito.

Parece que nada pode escapar ao olhar abrangente da igreja em missão. Esta percepção é desafiadora para a vida das igrejas. A natureza holística da missão se expressa em três componentes: proclamação ou evangelização, serviço ou diaconia e defesa da vida (ou da justiça). Seguindo a lógica trinitária da ação do Deus triúno como Criador, Redentor e Santificador (como no documento de 1988), este documento define três formas de ação prioritárias no momento presente e que concernem ao modo de Deus agir neste mundo: transformação, reconciliação e empoderamento. A transformação corresponde à constante ação renovadora de Deus no mundo (*creatio continua*), dizendo respeito tanto às transformações sociais quanto pessoais. Há aqui a idéia de um dinamismo impressionante que nada pode deter. Isto corresponde a um tipo de percepção da situação atual que não aparecia no documento anterior, ao menos não com tal intensidade. Deus efetivamente transforma pessoas e transforma o mundo.³⁶ Como podemos participar dessa

³⁶ Transformação foi a idéia central da 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas que se realizou em Porto Alegre, em fevereiro de 2006, como se pode ler no tema da mesma: “Deus, em tua graça, transforma o mundo”. Ao mesmo tempo, o tema é uma oração, o que denota um interesse renovado no movimento

transformação? Em que medida ela nos alcança e engaja? Quanta transformação podemos suportar na nossa breve existência? A partir do documento, missão transformadora significa para a igreja em missão tornar-se agente de transformação no contexto em que vive.³⁷

A reconciliação é o conceito escolhido para expressar a obra de Deus em Cristo. Deus reconciliou o mundo consigo em Cristo e confiou à sua igreja enviada o *ministério da reconciliação*, isto é, a diaconia da reconciliação. Proclamar a Cristo é falar dessa ação graciosa e libertadora de Deus. E esta reconciliação não fica apenas restrita às relações entre Deus e os seres humanos, entre Deus e as pessoas que nele crêem e depositam sua confiança. Esta reconciliação se estende a todas as demais relações humanas. Nisso está sua força transformadora e empoderadora. Mas vale a ressalva bem destacada no documento: este poder reconciliador que atinge a vida humana e a liberta dos poderes que a escravizam acontece na *vulnerabilidade* ou *loucura* da missão (p. 35).

O conceito de *empoderamento* resgata uma dimensão da ação do Espírito Santo que não estava presente em 1988. Receber poder de Deus, isto é, ser *empoderado* por Deus é algo extraordinário e precisa ser bem compreendido. O documento percebe a questão e pondera que este poder dado pelo Espírito não pode se tornar poder sobre as outras pessoas, ou poder que escraviza, impõe, destrói. Ele é um poder dado *para o testemunho*, isto é, um poder-serviço, um poder igualmente transformador e libertador, ou não seria poder de Deus. Significativamente, este poder não está preso às hierarquias, mas ele é conferido à igreja, na qual cada pessoa crente batizada recebe um dom especial para participar da missão, tarefa da igreja toda e de todas as pessoas da igreja. Ganha realce ao longo do documento o empoderamento de mulheres, jovens, leigos, pessoas idosas e mesmo de outras categorias comumente ausentes, como, por exemplo, as pessoas com deficiência. Na terceira seção, a igreja *missional*, toda ela envolvida na prática da missão, é uma igreja-comunidade que testemunha, que capacita, que celebra, que serve, que cura, que assume compromissos ecumênicos, econômicos e ecológicos. Chama a atenção o destaque para as questões vinculadas a dois fenômenos abrangentes e que constituem desafios urgentes no

ecumênico por formas litúrgicas e celebrativas que incluam temas que normalmente são tratados em debates de especialistas ou por organizações paraeclesiais. O fato de a assembleia ter ocorrido na América do Sul também é um sinal de que o CMI está atento aos clamores que surgem dos países mais pobres do hemisfério sul.

³⁷ Cf. NORDSTOKKE, Kjell. **Holistic Mission Strategies**. Reception of LWF Mission Document. African Lutheran Church Leadership Conference. Windhoek, Namibia 9-14, November 2005, p. 3.

século 21: o desafio das tecnologias da informação e todas as mudanças radicais que elas trouxeram para a vida humana e das sociedades globalizadas; e o desafio da crise ecológica que impõe a necessidade de estudos, análises e a busca de novos modelos de vida e sociedade, sob pena de o planeta sucumbir a um desastre de proporções inimagináveis num prazo não muito longo. A estes dois desafios, soma-se a crítica da globalização imposta pelo sistema neoliberal que impera no mundo. O documento não se estende em definir mais profundamente o que seria a globalização, mas aponta para os seus efeitos devastadores para muitos povos do hemisfério sul (cuidadosamente, ele evita o uso de conceitos como Terceiro Mundo ou mundo dos 2/3), apesar de reconhecer os avanços que a ciência e a tecnologia do último século trouxeram para o mundo atual. Nesse aspecto, sobressaem as conquistas na medicina, nas comunicações e transportes, na engenharia genética. Mas o documento atesta também os riscos que estas tecnologias representam e a permanente tentação de se abusar desse poder para objetivos militares ou de exploração de pessoas, países e da natureza.

A missão definitivamente é a razão de ser da igreja. O documento repete esta idéia de forma recorrente e de muitas maneiras. E esta missão começa a partir do *contexto*. É nele e a partir dele que Deus fala e envia. O contexto é o caminho da encarnação, o caminho da cruz, sem o qual não há ressurreição. Por isto, a prática da missão, segundo o modelo da prática de Jesus junto aos discípulos no caminho de Emaús, concretiza-se como *prática de acompanhamento*.³⁸ Trata-se de andar o caminho de Cristo com as pessoas, sejam as pessoas da comunidade, os vizinhos pobres do bairro, sejam as pessoas não crentes com quem nos encontramos aqui e acolá. Esta experiência de uma igreja em missão que caminha, que acompanha, que serve profeticamente, que trabalha de forma ecumênica e diaconal, é um desafio para o mundo. É na caminhada que a própria igreja vai sendo transformada e novamente empoderada. Isto repercute nas relações entre as igrejas próximas, locais, e as igrejas da comunhão maior, da ecumene cristã.

Três citações, a meu ver, sintetizam as novidades deste documento.

A primeira se refere à caminhada missionária como andar no caminho de Cristo, assumindo as conseqüências desse seguimento:

³⁸ Cf. NORDSTOKKE, Kjell. **The missional Church. Transformation, Reconciliation, Empowerment.** European Church Leadership Consultation. Iceland, 8-13 June 2005, p. 6.

Ao andar no caminho de Cristo em meio a um mundo fragmentado e violento, a própria igreja passa por uma transformação profunda e freqüentemente dolorosa [...]. Como a transformação torna necessário 'nadar contra a correnteza', ela poderá implicar sacrifícios, sofrer perseguição ou até mesmo enfrentar o martírio (p. 35).

A segunda faz referência à compreensão de missão holística que abrange a totalidade da vida humana e da própria natureza:

A encarnação oferece um modelo para a missão holística, porque, através da encarnação, Deus entra na totalidade da existência humana [...]. O *caminho da encarnação* é um caminho de transformação e reconciliação. O *caminho da cruz* é a forma poderosa de Deus dizer não ao pecado e à injustiça e de dizer sim ao amor e à justiça apesar da perseguição e crucificação (p. 27).

A terceira diz respeito a uma compreensão de missão no poder do Espírito Santo:

A igreja é criação da Palavra dinâmica de Deus (*creatura verbi*). Ela é mantida, inspirada e empoderada para a missão pela Palavra [...]. A missão é guiada pelo Espírito. O Espírito Santo desperta, inspira e guia os seguidores e as seguidoras de Cristo a dar testemunho de Cristo e do amor incondicional de Deus. O Espírito reaviva e renova continuamente a igreja para a missão. [...] Guiada pelo Espírito e dotada de diferentes dons, a igreja toda é carismática [...]. A renovação carismática enfatiza o fato de que a fé cristã diz respeito ao ser humano todo: emoção, razão, desejo e paixão [...]. A missão tem a ver com experiência" (p. 32-33).

Onde encontramos a igreja descrita com tanta ousadia nesse documento? Que teologia poderá inspirar a igreja toda ela missional e disposta a assumir a sua parte na missão de Deus em vista da transformação do mundo? Este é o desafio que se apresenta ao luteranismo tanto na América Latina quanto em outros continentes. A missão é aquela dimensão da experiência divina que pode libertar a igreja de suas incoerências e infidelidades.